

Doc 107



O POVO DE DEUS AO SERVIÇO DA HUMANIDADE

**Reflexão comunitária
de teologia para leigos**

PORTO, 18, 19 e 20 de Novembro

Salão da Igreja de Cristo Rei

(à Av. Gomes da Costa)

«O milagre... — descreve um jovem descrente dos nossos dias — é que, em dado momento, havia uma sociedade pagã moribunda e, por volta do ano 200, à roda dessa sociedade de escravos, deu-se um renovo total de vida e o cristianismo *estava lá*».

Este «estar lá» do Cristianismo no «renovo total de vida» é que, em relação à sociedade e ao homem contemporâneo, dir-se-ia facilmente (e legitimamente) contestável. Desde que perdeu a aparente harmonia da Idade Média — em que, pelo menos, soubera «passer aux barbares», como há cem anos preconizava Ozanam (referindo-se, evidentemente a outra espécie de «bárbaros») —, a Igreja como que pareceu entrar em contestação com o homem, em réplica, em desforço, dificultando, se não mesmo condenando, um trabalho de emancipação que não podia deixar de fazer-se.

Este escândalo de ausência exigia uma explicação. Antes de tudo, uma explicação para a Igreja — para a Sua vocação de Povo de Deus, que Ela não pode deixar de ser *radicalmente*, tão radicalmente *povo* quanto radicalmente *de Deus*, destinada a ser a ligação entre as promessas de Um e as esperanças do outro, e, por isso, a unir e não a dividir, a estimular e não a parar. Uma explicação, seguidamente, para os que, dentro d'Ela, viviam na dilaceração entre o seu Cristianismo e o seu humanismo, não se resignando a ser fiéis à custa de serem homens (ou vice-versa). Uma explicação, por fim, para a *massa* de que Ela é o fermento — massa alheia, indiferente ou até mesmo hostil, mas, de qualquer forma, a *Sua massa*, o *Seu povo*, o *povo dos irmãos*, tanto mais grandiosa e intimamente fiel muitas vezes quanto mais grandiosamente A nega e hostiliza (ou A nega e hostiliza no Seu depósito de fé, para assumir, secretamente as Suas íntimas esperanças).

A essa explicação, a esse confronto, a esse diálogo é que se abre a Igreja do Concílio, Concílio que, chegado ao seu fim, é que começa a ser vivido em cada um. Mais do que as fórmulas e, porventura os compromissos, é o espírito dessa Igreja que hoje conta sobretudo — é ter findado essa aparência escandalosa de um Povo que se recusa «sentir» com o povo, a transportar aos Seus ombros a própria cruz da humanidade.

Nesta breve reflexão teológica, é o tema do diálogo da Igreja com os homens, o tema do diálogo do Povo com o povo, que se oferece à reflexão e à sugestão de todos nós. Por isso interessa a crentes e a descrentes, porque junto buscamos, se alguma fé temos no homem, o mesmo «reino de Justiça, de Amor e de Paz».

O POVO DE DEUS AO SERVIÇO DA HUMANIDADE



6.ª feira, dia 18
As 18,15 h. — Introdução

As 18,45 h. — (1) As etapas da constituição do mundo moderno e a Igreja
por fr. Pedro Pelleter

As 21,30 h. — (2) A Igreja, Povo de Deus organizado para o serviço dos homens
por fr. Raimundo Oliveira

Sábado, dia 19

As 18,45 h. — (3) As tentações de Cristo e da Igreja
por fr. Mateus Cardoso Perts

As 21,30 h. — (4) A Igreja, sacramento do mundo
por fr. Bento Domingues

Domingo, dia 20
As 9,45 h. — (5) 5. Aspectos da posição dos leigos no mundo e na Igreja
por fr. Bernardo Domingues

- * Colóquio sobre os temas expostos, no final das sessões
- * Pede-se pontualidade
- * Espera-se colaboração

Procurando responder aos incitamentos da Igreja, promovemos esta reflexão para todos aqueles que atentos aos sinais dos tempos, querem elucidar-se em ordem a uma ação esclarecida.

(Cristo Rei, no Porto, 18, 19 e 20 de Nov. 1966)

ORGANIZAM:
António Leite de Castro
Benjamim Santos
Carlos Castro Fernandes
Francisco Lumbrales Sá Carneiro
Joaquim Macedo
Juvenal de Freitas Furtado
Maria Luísa Cabral
Mária Irene Costa Marques
Mário Brochado Coelho
Mário Figueirinhas
Joaquim Correia da Silva
Telef. 680899 43884 683782 682914 47738 681370 27204 60869 67655 681248 681813

INSCRIÇÃO

Nome	
Morada	
Profissão	
Local de Trabalho	
Contributo para a organização	
Sessões a que pensa assistir	
Tel.	